

A Produção do Conhecimento Geográfico

3

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 3

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-80-2

DOI 10.22533/at.ed.802181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 15 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia humana, com ênfase na epistemologia e gênero. A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores econômicos, naturais, tecnológicos e gênero.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a epistemologia e o gênero. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

PANORAMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: A ESCALA DIALÉTICA UNIVERSAL – PARTICULAR–SINGULAR NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO ¹	
Átila de Menezes Lima	
João César Abreu de Oliveira Filho	
CAPÍTULO 2	13
A CONCEPÇÃO DE MÉTODO EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 3	28
A IMPORTÂNCIA DA CONEXÃO KANT-HETTNER-HARTSHORNE À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	
Wesley de Souza Arcassa	
CAPÍTULO 4	44
O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”	
Josimar Monteiro Santos	
Luís Carlos Tosta dos Reis	
CAPÍTULO 5	53
OS CAMINHOS DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO: DA ANTIGUIDADE AO SÉCULO XXI.	
João Henrique Santana Stacciarini	
Laira Cristina da Silva	
CAPÍTULO 6	60
UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DO DISCURSO CIENTÍFICO DA GEOGRAFIA E A PROBLEMÁTICA ECONÔMICA DO ESPAÇO: BASES FILOSÓFICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS ¹	
Mariza Ferreira da Silva	
Luis Lopes Diniz Filho	
CAPÍTULO 7	71
PERSPECTIVAS EPISTÊMICAS NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS CONTEMPORÂNEOS.	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
Antônio Carlos Vitte	
CAPÍTULO 8	80
CRÍTICO E CONSERVADOR: UMA ANÁLISE DE OS <i>PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS</i> DE YVES LACOSTE	
José Arnaldo dos Santos Ribeiro Junior	

CAPÍTULO 9	91
PERCEÇÃO DO ESPAÇO E A PAISAGEM: UM DIÁLOGO ENTRE AS GEOGRAFIAS CRÍTICA E HUMANISTA	
Gabriel Augusto Coêlho de Santana Rodrigo Dutra Gomes	
CAPÍTULO 10	101
A CIDADE DAS MULHERES FEMINISTAS: UM ESTUDO SOBRE GOIÂNIA (GO)	
Talita Cabral Machado	
CAPÍTULO 11	111
IGUALDADE DE OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO SOB UMA PERSPECTIVA ESPACIAL	
Geórgia Fernandes Barros Ana Maria Hermeto Camilo de Oliveira Pedro Vasconcelos Maia do Amaral	
CAPÍTULO 12	130
A PERCEÇÃO DAS MULHERES QUILOMBOLAS SOBRE OS ESPAÇOS VIVIDOS NAS COMUNIDADES MOURA E BOA VISTA, ORIXIMINÁ-PA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO.	
Maria Consuêlo Moreira	
CAPÍTULO 13	139
A LUTA E RESISTÊNCIA DAS LIDERANÇAS FEMININAS DO MNLM NA OCUPAÇÃO NOVA SANTA MARTA NO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA-RS	
Ana Justina da Fonseca Ziegler Benhur Pinós da Costa	
CAPÍTULO 14	149
TERRITÓRIO E GÊNERO NO CERRADO GOIANO: OS SABERES TRADICIONAIS DAS MULHERES CERRADEIRAS E SUAS RESISTÊNCIAS DIANTE DA EXPANSÃO CAPITALISTA	
Josie Melissa Acelo Agrícola Evandro César Clemente Nestor Persio Alvim Agrícola	
CAPÍTULO 15	159
“É A ÁGUA DO RIO QUE A GENTE USA PRA TUDO”: AS MULHERES RIBEIRINHAS DA COMUNIDADE DE NAZARÉ-RO E A RELAÇÃO COM AS ÁGUAS DO RIO MADEIRA	
Rúbia Elza Martins de Sousa Rita de Cássia Evangelista dos Santos	
SOBRE A ORGANIZADORA	168

O HORIZONTE HUMANISTA NA GEOGRAFIA E A FENOMENOLOGIA: O PROBLEMA DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”

Josimar Monteiro Santos

Universidade Federal do Espírito Santo.
Vitória-ES.

Luís Carlos Tosta dos Reis

Universidade Federal do Espírito Santo.
Vitória-ES.

RESUMO: O presente artigo investiga a relação entre o Horizonte humanista e a fenomenologia. A problemática do texto possui como elemento articulador a “fenomenologia geográfica”. Por fim, propõe-se a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger como via de assimilação do método fenomenológico na ciência geográfica por meio da tematização da ontologia e do desenvolvimento de uma “geografia fenomenológica”.

PALAVRAS-CHAVE: Horizonte humanista; Fenomenologia geográfica; Fenomenologia hermenêutica.

ABSTRACT: The present article investigates the relationship between the Humanist Horizon and phenomenology. The problematic of the text has as an articulating element the “geographical phenomenology”. Finally, the hermeneutic phenomenology of Martin Heidegger is proposed as a way of assimilating the phenomenological method in geographic science through the thematization of the ontology

and the development of a “phenomenological geography”.

KEY-WORDS: Humanist horizon; Geographical phenomenology; Hermeneutic phenomenolog.

1 | INTRODUÇÃO

A problemática a ser abordada nesse texto constitui-se pela articulação de dois elementos fundamentais. De um lado, o Horizonte humanista (ou Geografia humanista) e de outro lado a filosofia fenomenológica. Por conseguinte, para compreender de que modo esses elementos se articulam no desenvolvimento de nossa problemática iremos expor de maneira introdutória os aspectos gerais desses dois elementos.

O Horizonte humanista na Geografia se desenvolveu durante a década de 1960, consolidando-se como um horizonte de abordagem dos estudos geográficos na década de 1970. Esse período trouxe para a ciência geográfica uma ampliação dos debates epistemológicos, em grande medida pela necessidade de encontrar alternativas teórico-metodológicas ao predomínio nas pesquisas geográfica da Geografia quantitativa de bases neopositivistas. A consolidação da Geografia humanista na década de 1970 trouxe a reboque para a ciência geográfica a pluralidade

epistemológica que a constituía, de modo que um traço característico desse horizonte constitui o inequívoco ecletismo (Gomes, 2011). Esse ecletismo, por sua vez, trouxe em seu bojo o problema da ambiguidade, na medida em que no horizonte humanista não é raro a manifestação de associação de perspectivas teóricas que, a princípio, seriam divergentes. Nesse contexto, de consolidação da Geografia humanista se deu o esforço de assimilação da filosofia fenomenológica como uma alternativa teórica que pudesse fazer frente ao predomínio da Geografia quantitativa através do esforço dos geógrafos que, de modo pioneiro, buscaram a influência direta da fenomenologia em seus trabalhos (Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e J. Nicholas Entrikin), permitindo identificar uma matriz fenomenológica na Geografia humanista (HOLZER, 2016).

A qualificação do segundo elemento, a filosofia fenomenológica é mais complexa. Isso se dá, em parte, em função da magnitude do assunto e, em parte, pela polissemia que acompanha historicamente o assunto. A palavra já estava presente na tradição filosófica ocidental, como por exemplo nas obras de Hegel e Kant. Todavia, o sentido que o termo adquiriu no projeto filosófico inaugurado por Edmundo Husserl, no início do século XX, resguardará uma significação própria. Na verdade, o projeto husserliano constituiu no século passado um amplo movimento filosófico que se desdobrou de modo complexo nas obras de seus filósofos expoentes, tais como Max Scheler, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty e Paul Ricoeur. Em síntese, pode-se indicar que

“[...] ainda que a fenomenologia no sentido lato seja a soma da obra husserliana e das heresias que nasceram de Husserl, é também a soma das variações do próprio Husserl e, de modo particular, a soma das descrições propriamente fenomenológicas e das interpretações filosóficas pelas quais reflete e sistematiza o método (RICOEUR, 2009, p.8-9).

Portanto, a própria filosofia fenomenológica impõe àqueles que se propuserem a dialogar com seu projeto uma atenção peculiar, referente à natureza de suas questões e o modo como elas se desdobraram de diferentes maneiras nas obras desses fenomenólogos. Dito de outra maneira: é indispensável ter atenção em relação à natureza das peculiaridades que envolvem as diversas nuances do significado da fenomenologia entre as diferentes obras dos filósofos filiados à tradição filosófica fenomenológica.

Esses dois elementos se articulam na geografia através da literatura de revisão e avaliação crítica sobre o modo com o qual a fenomenologia foi assimilada no Horizonte humanista (ENTRIKIN, 1976; LEY; SAMUEL, 1978; SMITH, 1979; GOMES, 2011). A presente reflexão destaca como referência privilegiada uma posição sobre o assunto, estabelecida por John Pickles (1985), no livro “**Phenomenology, Science and Geography: Spatiality and the Human Science**”. Neste livro, Pickles (1985) desenvolveu uma significativa contribuição ao debate acerca da relação entre a fenomenologia e a ciência geográfica, ampliando a compreensão sobre a assimilação

da natureza do método fenomenológico no interior dessa ciência. Para desenvolver essa contribuição o autor investigou a maneira pela qual a fenomenologia havia sido interpretada em sua assimilação na Geografia humanista. Nessa revisão, ele argumenta que adoção da fenomenologia no interior da corrente humanista se deu, efetivamente, sob a forma de uma “adaptação livre” das premissas dessa filosofia aos conceitos geográficos. Essa adaptação foi qualificada por ele como encerrando uma “fenomenologia geográfica” (PICKLES, 1985). Desta forma, a “fenomenologia geográfica” designaria uma adaptação da própria natureza do método fenomenológico na ciência geográfica promovido pelo horizonte humanista.

Assumir a posição de Pickles acerca da “fenomenologia geográfica” como uma posição de princípio orientadora da reflexão que se pretende desenvolver acerca da relação que se estabeleceu entre a Geografia humanista e a fenomenologia, impõe a necessidade de qualificar os atributos que propriamente a caracterizariam.

2 | OS ATRIBUTOS CONSTITUTIVOS DA “FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA”

A importância da noção de “fenomenologia geográfica” tal como desenvolvida por Pickles (1985) já foi destacada, dentre outros, por Werther Holzer (1992), na dissertação “**A Geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**”, nos seguintes termos:

[...] Pickles mostraria como essa posição metafísica, e esta ontologia baseada na natureza física, influenciariam a apropriação da fenomenologia pela geografia. Ele distinguiria uma ‘*fenomenologia geográfica*’ da fenomenologia como um todo e da ‘*geografia fenomenológica*’. Segundo o autor [Pickles], no processo de adoção da fenomenologia pela geografia houve sua adaptação a vários conceitos da geografia tradicional, resultando em uma ‘*fenomenologia geográfica*’ diversa do projeto filosófico original da fenomenologia [...] (HOLZER, 1992, p. 399, *grifo nosso*).

A exposição que Pickles (1985) dispensa à ideia de “fenomenologia geográfica” revela um elemento nitidamente interpelativo com o qual o autor concebe seu sentido, a fim de investigar o perfil da fenomenologia, enquanto tal, na ciência geográfica. Para o autor,

No processo de sua adoção, interpretação e crítica no contexto da ciência geográfica a fenomenologia tem sido radicalmente *adaptada* a partir da perspectiva dos conceitos geográficos tradicionais e suas estruturas de significação. Ao mesmo tempo está ‘fenomenologia’, tal como apresentada nos escritos pioneiros de Relph, Tuan, Mercer e Powell, e Buttimer – tem frequentemente se tornado a única fenomenologia para a qual os autores subsequentes se voltam [retornam – tomam como base]. Como resultado, nós precisamos questionar se esta ‘fenomenologia’ é uma interpretação sólida e viável dos princípios fenomenológicos enquanto tais. Precisamos considerar o significado preciso e original da fenomenologia, e distinguir isto do que tem sido chamado ‘fenomenologia’ ou do que eu vou me referir enquanto ‘fenomenologia geográfica’. A primeira [isto é, a “fenomenologia” enquanto tal] se refere ao projeto de Edmund Husserl e seu desenvolvimento subsequente. A última [fenomenologia geográfica] se refere às interpretações e adaptações deste projeto como ele tem integrado [sido assimilado] à literatura geográfica [...] (PICKLES, 1985. p. 5, tradução nossa).

O tom questionador possui como base a constatação de que a “fenomenologia geográfica” teria se tornado um parâmetro privilegiado de interpretação da filosofia fenomenológica na ciência geográfica, na medida em que os precursores do horizonte humanista terem estabelecido, com a “fenomenologia geográfica” um “padrão” de assimilação do significado da Fenomenologia que se converteu na fonte à qual os pesquisadores posteriores tenderiam a compreender o sentido da fenomenologia nesta ciência (PICKLES, 1985). O autor sinaliza, assim, para um elemento controverso acerca do caráter mesmo da “fenomenologia geográfica” estabelecida pelos pioneiros da Geografia humanista. Desse modo, há a necessidade de se depurar os atributos próprios da “fenomenologia geográfica”, enquanto modo característico da assimilação principal da fenomenologia na geografia.

A citação anterior, permite trazer à tona de maneira introdutória, o primeiro atributo da “fenomenologia geográfica”, no sentido em que ela encerraria uma *adaptação livre dos princípios da fenomenologia aos conceitos geográficos*. Pickles argumenta que essa “adaptação” foi resultado de uma *assimilação pragmática da fenomenologia na pesquisa geográfica*.

“Solicitações em relação aos [geógrafos] fenomenólogos de produzirem praticamente pesquisas úteis, em vez de continuar a desenvolver argumentos teóricos concernentes a fenomenologia não se restringe aos seus críticos e opositores. Desde o início, a preocupação com os aspectos pragmáticos dos princípios fenomenológicos tem caracterizado as interpretações geográficas [...]” (PICKLES, 1985, p. 46, tradução nossa).

Para Pickles essa assimilação “pragmática” foi responsável pelo fato de que a fenomenologia tenha sido interpretada,

“[...] mais como uma motivação orientadora do que como uma concepção metodológica rigorosa, e sua avaliação procedeu em termos de categorias já dadas. Fundamentalmente então, seu estatuto transcendental e ontológico foi negado desde o início [...]” (PICKLES, 1985, p. 47, tradução nossa).

Outro atributo que é possível reconhecer da “fenomenologia geográfica”, consiste em *considerar a fenomenologia muito mais como uma motivação orientadora do que um método rigoroso*. Em síntese, Pickles (1985) buscou qualificar através da “fenomenologia geográfica” a “adaptação” dos princípios fenomenológicos aos conceitos geográficos marcada por um caráter eminentemente “pragmático” de assimilação da fenomenologia pela Geografia humanista, resultando em uma interpretação dessa filosofia que a considerou muito mais como uma “motivação orientadora” do que como uma concepção rigorosa de método. Isso se justificou pelo modo como a fenomenologia foi interpretada por esses geógrafos. A “fenomenologia [foi] tomada como *fenomenologia existencial* por Tuan, Relph, Buttimer, Mercer e Powell, e Entrikin [...]” (PICKLES, 1985, p. 50, tradução nossa). Portanto, a interpretação do projeto fenomenológico por meio da *fenomenologia existencial* constitui um atributo marcante da “fenomenologia geográfica”.

Como será demonstrado na Figura 1, a partir do que foi exposto anteriormente,

pode-se identificar com base em Pickles (1985), os seguintes atributos constitutivos da “fenomenologia geográfica”:

FENOMENOLOGIA GEOGRÁFICA: OS ATRIBUTOS DA ASSIMILAÇÃO DA FENOMENOLOGIA NOS PIONEIROS DA GEOGRAFIA HUMANISTA ANGLÓFONA	
i) Adaptação <i>livre</i> dos princípios da fenomenologia aos conceitos geográficos;	ii) Assimilação pragmática da fenomenologia na pesquisa geográfica;
iii) Fenomenologia: tratada como uma motivação orientadora e não como uma concepção metodológica rigorosa;	iv) A filosofia fenomenológica foi interpretada como <i>fenomenologia existencial</i> pelos geógrafos humanistas (Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e J. Nicholas Entrikin);

FIGURA 1 – Atributos da “fenomenologia geográfica” de acordo com Pickles (1985)

Fonte: Elaboração pessoal, tendo como base o capítulo “**The interpretation of phenomenology in geography**” (PICKLES, 1985).

3 | A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA HEIDEGGERIANA E O PROJETO DE UMA “GEOGRAFIA FENOMENOLÓGICA”

Diante da exposição dos atributos da “fenomenologia geográfica” desenvolvido no tópico anterior, entende-se o motivo pelo qual Pickles (1985) argumentou que o esforço de assimilação consistente do método fenomenológico na Geografia deveria se dar por meio de um projeto distinto, que o autor irá denominar de “geografia fenomenológica”. Isso se justificaria pela necessidade de conceber a “geografia fenomenológica” como um projeto de reentrada na fenomenologia, visto que a forma como a fenomenologia havia sido assimilada, anteriormente, teria comprometido a compreensão da natureza do seu método investigativo.

A questão que se impõem para o desdobramento desse texto (devido aos limites expositivos desse formato de texto) é: quais os motivos que justificam a opção pela fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger como uma via consistente de assimilação da fenomenologia na ciência geográfica? São dois os argumentos fundamentais para responder a essa questão:

I. A impossibilidade de assimilar de forma consistente toda a filosofia fenomenológica tendo em vista toda a magnitude que esse movimento filosófico conheceu no século XX;

II. São as questões nelas mesmas que devem interpelar e orientar a aproximação com o modo de investigação fenomenológico. Isso se traduz na geografia pela própria natureza da questão primordial que busca investigar a natureza da realidade geográfica, isto é, a tematização da “ontologia” na Geografia;

Sugere-se, nesse sentido, que a fenomenologia hermenêutica de Heidegger se apresenta como uma via fecunda de assimilação do método fenomenológico na geografia, pois, através de seu caráter estrito, ela permitiria pôr em curso uma via

específica para desenvolver o projeto da “geografia fenomenológica” através de uma lida sistemática com a obra desse fenomenólogo. Conforme destacou Kirchner:

[...] como seria o conhecimento fenomenológico? Segundo a cientificidade que lhe é própria, a ontologia fenomenológica enquanto fenomenologia hermenêutica não progride como acontece nas ciências positivas. Enquanto estas tendem e até mesmo necessitam progredir, à medida que têm clareza de seu objetivo (positum), a fenomenologia hermenêutica, de uma maneira diversa e inversa, tende e até mesmo necessita regredi.

Regressão, contudo, não significa deficiência ou imperfeição. É que ela se orienta por uma outra eficiência da usual e corriqueira. Por isso quer e procura ir às raízes, ao fundamento, à condição de possibilidade do sentido do ser. Fenomenologicamente, dar passos não possui o sentido evolutivo de dar unicamente passos progressivos “para frente”. Está em jogo entrar numa questão e dar um passo para trás, significa tematização, explicitação, aprofundamento daquilo que norteia e orienta o próprio questionamento. Trata-se de descrever a originariedade (Ursprünglichkeit) do fenômeno investigativo. Numa investigação fenomenológica, portanto, está em jogo a própria maneira de dirigir-se à coisa investigada. É decisivo, então, o modo como nos aproximamos do objeto investigado, uma vez que o resultado depende de apreensão e compreensão apropriadas” (KIRCHNER, 2007, p. 157-158, grifo do autor).

É a natureza mesma do modo de investigação constitutiva da fenomenologia hermenêutica, isto é, do seu método investigativo que a direciona para a questão ontológica. Notadamente, a tematização da ontologia existente atualmente no interior da ciência geográfica estabeleceu uma relação distinta com a fenomenologia hermenêutica. De um lado, desde a década de 1970 esse tema se desenvolveu no horizonte crítico (ou Geografia crítica) sobre grande influência do marxismo, definindo um estatuto ontológico de determinação do ser social na produção do espaço (REIS, 2009; 2012; CALÇARA, 2013; PEDROSA, 2012). Isso acarretou uma posição refratária ao modo de investigação fenomenológico-hermenêutico heideggeriano, por várias razões. Por outro lado, o horizonte humanista (ou Geografia humanista) mais recentemente buscou retomar a noção de “geograficidade” de Eric Dardel como o fundamento da Geografia.

Essa retomada teve em vista a busca por uma ontologia que seja eminentemente fenomenológica, requisitando um diálogo direto com o pensamento de Heidegger (HOLZER, 1998; 2010a; 2010b; 2001; MARANDOLA JR. 2012; 2014; DAL GALLO, 2015; DAL GALLO; MARANDOLA JR. 2015a; DAL GALLO; MARANDOLA JR. 2015b), mediatizada por uma obra que, a rigor, é efetivamente eclética e, na qual a influência de Heidegger não obstante seja saliente, constitui, de fato, *uma* influência dentre muitas outras.

Assim, o perfil mesmo da reflexão ontológica desenvolvido na geografia, brevemente esboçado no parágrafo acima, revela que o problema da fundamentação ontológica na geografia ainda pode ser proficuamente aprofundado na geografia, através de uma filiação estrita à fenomenologia hermenêutica. Isso se verifica na medida em que a fenomenologia hermenêutica designa, propriamente, a peculiaridade

da investigação ontológica da ontologia fundamental desenvolvida por Heidegger, para quem,

[...] A fenomenologia do *Dasein* [ser-aí] é uma *hermenêutica* na significação originária da palavra, que designa a tarefa da interpretação. Agora, na medida em que pela descoberta do sentido-do-ser e das estruturas-fundamentais do *Dasein* [ser-aí] em geral se põe à mostra o horizonte para toda outra pesquisa ontológica do ente não-conforme ao *Dasein* [ser-aí], essa hermenêutica se torna ao mesmo tempo 'Hermenêutica', no sentido da elaboração das condições da possibilidade de toda investigação ontológica [...] (HEIDEGGER, 2012, p. 127, grifo do autor).

Essa citação traz à tona uma série de indicações: primeiramente, apresenta de maneira condensada o próprio projeto presente no tratado “**Ser e tempo**” publicado em 1927, isto é, o projeto de *reabilitação da questão ontológica* acerca do sentido do Ser por meio da Ontologia fundamental; segundo, revela que esse projeto de *reabilitação* toma como via de acesso a tematização da ontologia o *Dasein (ser-aí)* sublinhando que a “hermenêutica” é a interpretação desse ente que todos nós somos o *Dasein (ser-aí)*; por conseguinte, é por meio da interpretação das estruturas do *Dasein (ser-aí)* que se tornaria possível divisar as condições de possibilidade de toda investigação ontológica. Dito de maneira mais direta, o que a citação revela é que o projeto da Ontologia fundamental possui como seu fio condutor a *analítica do Dasein (ser-aí)* como condição de possibilidade de toda investigação ontológica dos entes destituídos do modo de ser característico do *Dasein (ser-aí)*, ou seja, dos entes simplesmente dados que estão à base de, como, por exemplo, o ente geográfico (ontologia na Geografia).

Como foi indicado anteriormente, as duas vias distintas de tematização da ontologia na Geografia, de um lado o horizonte crítico, e de outro, o horizonte humanista perderam de vista a importância que *analítica do Dasein (ser-aí)* deveria ter na tematização da ontologia geográfica. De maneira resumida – devido aos limites do texto – a Geografia crítica ao determinar o espaço por meio da ontologia do ser social suprimiu o sentido da questão do ser e, assim, passou ao largo da eventual contribuição que a fenomenologia hermenêutica de Heidegger poderia oferecer à disciplina. A Geografia humanista, por sua vez, ao não assumir como referência as coordenadas de interpretação do pensamento de Heidegger por meio de um projeto de assimilação estrita de sua fenomenologia hermenêutica, manteve a “leitura humanista” que imputou ao filósofo e, assim, não se deteve, de maneira mais substantiva, à *analítica do Dasein (ser-aí)* que se tornou periférica (ou residual) neste horizonte. Desse modo, a assimilação humanista de Heidegger na Geografia passou também ao largo dos problemas associados à “transgressão categorial”, vigente em toda tentativa de elaborar uma ontologia regional à revelia do âmbito próprio da assimilação dos existenciais inerente à *analítica do Dasein (ser-aí)*, ou submeteu os existenciais a uma interpretação categorial (REIS, 2014). Essa “transgressão categorial” se efetiva pela indistinção do modo de ser próprio do *Dasein (ser-aí)*, qual seja, à distinção de todos os demais entes, o *Dasein (ser-aí)* é puro poder-ser: não possui uma natureza a

priori, uma quiddidade ou uma essência, ele existe em meio a uma dinâmica existencial (CASANOVA, 2013a; 2013b).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi exposto, dentro dos limites desse texto, buscou-se justificar de maneira introdutória a opção pela fenomenologia hermenêutica de Heidegger como uma via consistente para o desenvolvimento do projeto de uma “geografia fenomenológica”. Essa justificativa possui como base a própria natureza investigativa dessa via de interpretação do método fenomenológico e o modo com o qual as questões correlatas ao problema da fundamentação ontológica na geografia podem ser desenvolvidas através de sua assimilação.

REFERÊNCIAS

CALÇAVARA, Reginaldo Alex. **O sentido da ontologia do espaço para a dissolução da dicotomia geografia física-geografia humana: estudo sobre o caso da geografia crítica brasileira a partir do pensamento de Martin Heidegger**. 2013. Dissertação. 153f. (Mestrado em geografia). Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

CASANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger**. 4. ed. RJ: Vozes, 2013a.

CASANOVA, Marco Antonio. **Eternidade frágil: ensaio de temporalidade na arte**. RJ: Via Veritas, 2013b.

DAL GALLO, Priscila M. A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-Mundo em “*Out of África*”. 2015. Dissertação. 97f. (Mestrado em geografia). Instituto de Geociências, Unicamp, 2015.

DAL GALLO, Priscila M. ; MARANDOLA JR., Eduardo . O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da geografia. **GEOUSP: espaço e tempo**, v. 19, p. 551-563, 2015b.

_____. O pensamento heideggeriano na obra de Éric Dardel: a construção de uma ontologia da Geografia como ciência existencial. **Revista da ANPEGE**, v. 11, p. 173-200, 2015a.

ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary humanism in geography. **Annals of the Association American Geographers**, Washington, v.66, n.4, p. 615-632, 1976.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia. In: _____. **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.281-304.

_____. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 35, n. 2, p. 241-251, mai./ago. 2010a.

_____. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: Rosendahl, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato. (Org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 103-122.

_____. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992. Dissertação. 550f. (Mestrado em geografia). Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

_____. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016.

_____. O método fenomenológico: Humanismo e a construção de uma nova Geografia. In: ROSENDAL, Zeni; CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. RJ: Eduerj, 2010b. p 37-71.

_____. **Um estudo fenomenológico da Paisagem e do Legar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998. Tese. 234f. (Doutorado em Geografia). Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

KIRCHNER, Renato. Da analítica existencial à ontologia fundamental. **Sofia**, v. XII, n. 17 e 18, p. 157-188, 2007.

LEY, David; SAMUEL, Marwyn. **Humanistic geography: prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978.

MARANDOLA Jr, Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. SP: Blucher, 2014.

_____. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, p. 81-94, jan/abr. 2012.

PEDROSA, Breno Viotto. A Geografia Crítica Brasileira e o Debate Sobre Ontologia do Espaço: Uma aproximação. **Geografares**, Vitória, n. 11, p. 139-168, 2012.

PICKLES, John. **Phenomenology, science and geography: spatiality and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

REIS, Luís Carlos Tosta dos. Ontologia da Produção do espaço na Geografia: uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Heidegger sobre a técnica, **Geografares**, Vitória, n. 11, p. 01-39, dez, 2012.

_____. Ontologia do espaço e movimento de renovação crítica da geografia: o desafio da diferença ontológica. **Geografares**, Vitória, n. 07, p. 111-112, dez, 2009.

REIS, Róbson Ramo dos. **Aspectos da modalidade: a noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica**. RJ: Via Veritas, 2014.

RICOEUR, Paul. **Na escola da fenomenologia**. RJ: Vozes, 2009.

SMITH, Neil. Geography, science and pos-positivist modes of explanation. **Progress in Human Geography**, v.3. pg. 356-382, 1979.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-80-2



9 788585 107802